



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**IMPACTO DA VITIMAÇÃO JUVENIL NA RESILIÊNCIA E NA
EMPATIA: UM ESTUDO COM JOVENS DELINQUENTES**

Trabalho submetido por
Joana Isabel Lino Rosado
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por
Prof. Doutora Telma Catarina Almeida

dezembro de 2020



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**IMPACTO DA VITIMAÇÃO JUVENIL NA RESILIÊNCIA E NA
EMPATIA: UM ESTUDO COM JOVENS DELINQUENTES**

Trabalho submetido por
Joana Isabel Lino Rosado
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por
Prof. Doutora Telma Catarina Almeida

dezembro de 2020

Agradecimentos

Após o término de uma das mais exigentes etapas da vida académica, é importante reforçar o meu agradecimento às pessoas que contribuíram para que tal fosse possível.

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Telma Almeida, pela disponibilidade, paciência, incentivo e pela doutrina passada. Muito obrigada por todos os conhecimentos transmitidos. Obrigada por ter sido minha orientadora.

Aos meus amigos, muito obrigada por serem o meu suporte e nunca me deixarem desistir..

Dentro dos amigos, existem aqueles que consideramos família, que são confidentes e que fazem com que a nossa vida tenha outro sentido. Nestes mesmos amigos, existe sempre alguém que se destaca por ser muito especial. Este alguém caminhou comigo, lado a lado, sem nunca me largar a mão. Sem ela a minha vida académica não tinha sido tão inesquecível e a vertente pessoal não estava tão concretizada. A ela, desejo toda a sorte do mundo. A ti, Milene, agradeço todas as horas que passámos juntas em prol de um futuro melhor. A ti Milene agradeço o dobro, a ti, desejo tudo.

Aos diretores das instituições que aceitaram a recolha dos dados e aos jovens nelas inseridos, uma vez que, sem o seu consentimento nada disto era possível, muito obrigada. Sem a boa vontade de todos este trabalho não tinha sido realizável.

O meu profundo agradecimento aos meus pais e ao meu irmão pela força e reconhecimento diário. Sou grata por vos ter todos os dias na minha vida.

O meu profundo agradecimento à minha avó Estrela, que sempre me guiou nos momentos mais difíceis.

A todos, muito obrigada!

Índice

Vitimação juvenil e o impacto no comportamento delinquente, na resiliência e na empatia.....	3
Introdução geral.....	3
Estrutura da tese.....	7
Método.....	9
Participantes.....	9
Procedimento.....	9
Instrumentos.....	10
Análise estatística.....	11
Referências.....	13
Impacto da vitimação juvenil na resiliência e na empatia: Um estudo com jovens delinquentes.....	19
Resumo.....	19
Abstract.....	21
Artigo.....	23
Introdução.....	23
Método.....	27
Participantes.....	27
Procedimento.....	27
Instrumentos.....	28
Resultados.....	31
Análise descritiva.....	31
Análise de correlações.....	31
Análise de comparação de grupos.....	32
Discussão.....	33
Limitações.....	36
Conclusão.....	39
Referências.....	41
Conclusão/ Discussão.....	49
Referências.....	51
Anexos	

Anexo A- Características sociodemográficas da amostra

Anexo B- Análise descritiva de todas as escalas, subescalas e suporte

Anexo C- Correlações de Pearson entre os vários tipos de maus tratos

Anexo D- Correlações de Pearson entre os vários tipos de maus tratos e a escala de resiliência

Vitimação juvenil e o impacto no comportamento delincente, na resiliência e na empatia

Introdução geral

Os maus-tratos às crianças são uma preocupação mundial, estimando-se que globalmente, um bilhão de crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 17 anos, já estiveram expostas a diversos abusos (World Health Organization, 2020). Em Portugal, segundo as estatísticas do relatório anual da APAV, em 2019, existiram cerca de 54.403 atendimentos no gabinete de apoio à vítima. Dessa totalidade, 1473 eram crianças, com média de idade de 11 anos, maioritariamente do sexo feminino. Segundo a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), em 2019, existiram 43.796 comunicações de perigo recebidas, significando mais 4743 quando comparado com o ano de 2018. Analisando as principais categorias de perigo, verificou-se existir maior percentagem de vítimas por crimes de negligência (34.50%), violência doméstica (22.14%), direito à educação (15.20%), maltrato físico (2.64%), maltrato psicológico (2.05%), abandono (1.4%), abuso sexual (.98%) e por exploração infantil (.04%). Relativamente ao sexo destes jovens 23.542 eram do sexo masculino e 20.254 do sexo feminino (mantendo a tendência do ano de 2018). Relativamente à sua idade, maioria dos jovens estão na faixa etária dos 11-14 anos, de seguida dos 15-17 anos, dos 6-10 anos e por fim dos 0-2 anos de idade.

Uma vez que a vitimação traz consequências graves ao nível da saúde mental, da solidão, das emoções negativas, do isolamento social (Finkelhor, 2011), e ao nível do bem-estar e saúde em geral das vítimas (Shonkoff, Boyce, & McEwen, 2009), é necessário que exista uma maior compreensão da vitimação para que se consiga uma maior prevenção, interferindo eficazmente quando as mesmas acontecem (Hamby, Taylor, Mitchell, Jones, & Newlin, 2020).

Segundo Finkelhor, Ormrod, Turner e Hamby (2005), crianças que sofrem de um tipo de vitimação têm maior probabilidade de virem a sofrer tipos de vitimação diferentes. Estas tendem a existir num meio de pobreza, desemprego, problemas com álcool e drogas, prisão de um dos progenitores, discórdia conjugal e episódios de doença mental dos pais. As consequências que a vitimação tende a trazer para a criança/jovem, pode variar com a idade, sexo, raça, etnia, rendimento económico, educação dos pais e estrutura familiar (Turner, Finkelhor & Ormrod, 2006). É importante, por esse motivo, que exista um

reconhecimento relativamente ao impacto negativo que a vitimação tem na vida da criança (Finkelhor, Turner, Ormrod, & Hamby, 2009), uma vez que, experienciar acontecimentos traumáticos em diversos estádios de desenvolvimento da vida e adversidades concomitantes no período de desenvolvimento (Grasso et al., 2016), são fatores que desencadeiam maior revitimização e polivitimação (Dierkhising, Ford, Branson, Grasso & Lee, 2018). Para que se consiga avaliar o facto de a criança ter sofrido de polivitimação, é necessário que se consigam medir os eventos traumáticos de vida pelos quais esta foi passando ao longo do tempo ou no último ano. Se a criança experienciou quatro ou mais tipos de vitimação, dentro do crime convencional, maltrato infantil, vitimação perpetrada por pares e irmãos, vitimação sexual e testemunho direto e indireto de vitimação, é considerada como polivítima. No entanto, considera-se polivítima com baixos valores de polivitimação as que passam de quatro a seis tipos diferentes de vitimação e polivítimas com baixos valores de polivitimação as que relatam ser vítimas de sete ou mais tipos de acontecimentos traumáticos diferentes (Finkelhor et al., 2005; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007).

Quando estudada a vitimação e a diferença entre o género e o sexo nos jovens Pereda, Guilera e Abad (2014) verificaram que, relativamente ao crime convencional a percentagem mais elevada dizia respeito aos jovens do sexo masculino, mais velhos, relativamente ao facto de terem sofrido de roubo, furto e vandalismo, os jovens do sexo masculino mais velhos, foram também mais vítimas do que o sexo feminino. Relativamente à vitimação perpetrada pelos cuidadores, esta era mais relatada no sexo feminino, sendo que a forma de abuso mais recorrente foi o abuso psicológico/ emocional. No que concerne à vitimação por pares e irmãos, não existiram diferenças entre os sexos e na vitimação sexual existiu uma prevalência do sexo feminino. No que diz respeito a ser testemunha de vitimação direta e indireta, os jovens mais velhos foram mais vítimas que os mais novos e o sexo feminino apresentou mais vitimação na violência em contexto familiar.

Segundo Kisely et al., (2018), os maus tratos comprometem o comportamento, a saúde mental e a saúde física da criança. Sendo que, as vítimas de violação sexual são mais propensas a envolverem-se em comportamentos criminosos, violentos e sexuais (Papalia, Ogloff, Cutajar, & Mullen, 2018) e as vítimas de negligência, abuso físico e

emocional tendem a ter um elevado risco de comportamentos antissociais persistentes na infância e idade adulta (Esposti, Pereira, Humphreys, Sale & Bowes, 2020).

As características biológicas, familiares, sociais (Esposti et al., 2020), individuais (Anjaswarni, Nursalam, Widati, & Yusuf, 2019), a existência de uma parentalidade conflituosa e inconsistente (Liu, Li, Zhang, & Xia, 2019) e as características do abuso (o período em que o abuso foi realizado, o número de perpetradores e a relação com os mesmos), o tipo de experiências de vitimação e o desenvolvimento de problemas de saúde/mentais graves, interferem com o tipo de comportamento delinvente (Papalia et al., 2018). Segundo Schreck, Stewart e Osgood (2008), uma vez que se percebeu a existência de um elo entre a delinquência e a vitimação, começaram a existir algumas teorias sociológicas e criminológicas na tentativa de explicar este fenómeno, no entanto a teoria das atividades rotineiras é a que melhor retrata esta ligação, reforçando a ideia de que jovens com estilos de vida de risco, inseridos em gangues, tendem a ter uma maior probabilidade de serem vítimas (Taylor, Freng, Esbensen & Peterson, 2008).

Uma vez que crianças/jovens vítimas tendem a perpetuar de forma mais violenta e criminosa do que as não vítimas (Piggott et al., 2018), na tentativa de controlar ou libertar as emoções menos positivas que sentem (Yu & Chan, 2019), para que exista a inibição deste comportamento é necessária uma precoce ligação com a família, especificamente entre pai e filho (Xiong, Li & Xia, 2020). A escola, no que concerne à relação com os professores, pode criar um potencial para que os adolescentes não entrem em disputa nem desrespeitem as regras. O mesmo acontece com o grupo de pares, uma vez que as crianças/jovens relatam, maioritariamente, os seus problemas com os pares e menos com os seus progenitores, o grupo em que está inserido é uma preocupação assente, sendo que, se forem uma má influência para o jovem, este irá perpetuar de semelhante forma. Por fim, um estilo de vida adequado terá um bom impacto na vida do jovem (Anjaswarni et al., 2019). Assim sendo, nem todos os jovens têm a mesma habilidade, a mesma confiança de sucesso no futuro, a mesma forma de agir conforme os seus desejos, as mesmas qualidades e atributos pessoais, nesta linha de pensamento, nem todos os indivíduos conseguem evitar comportamentos inadequados pois não possuem competências nem habilidade para tal (Anjaswarni et al., 2019).

Uma vez que as adversidades precoces afetam o desenvolvimento de um comportamento promissor (Shonkoff et al., 2009) e a vitimação é um fator preocupante que prediz a violência futura (Shaffer & Ruback, 2002), afetando o jovem no que concerne à elevada depressão, ansiedade, *stress* e tentativa de suicídio (King, Abram,

Romero, Washburn & Teplin 2011), há necessidade de identificar os fatores que atenuam o impacto da vitimação infantil de forma a que estes fatores adversos sejam colmatados. É então importante que existam estratégias de promoção e prevenção significativas para a diminuição destes efeitos nas crianças e nos jovens (Luthar & Cicchetti, 2000). Embora se saiba que os acontecimentos adversos de vida estão associados a uma menor resiliência (Shonkoff et al., 2009), e que nem todos os jovens vítimas sofrem destes problemas adicionais, adaptando-se positivamente às adversidades, considerando-se resilientes (Luthar & Cicchetti, 2000), existem exposições adversas que levam a que esta resiliência se altere (Kisely et al., 2018). Um dos exemplos é a falta de suporte dos pais e do seu meio envolvente (Shonkoff et al., 2009). Segundo Clements-Nolle e Waddington (2019), o facto de existirem recursos externos positivos ao jovem como uma boa comunicação com os familiares, o facto de este estar rodeado de bons modelos de comportamento e ter uma ligação positiva com a educação, são fatores que ajudam a atenuar os efeitos da vitimação e a reduzir significativamente o sofrimento psicológico. Os fatores externos, como uma boa resiliência interna, ou seja, uma maior competência pessoal, um bom controlo e confiança em si próprio e nas suas ideias e uma adequada aceitação da mudança, são uma mais valia no amortecimento do impacto que a vitimação tem nestes jovens.

Os jovens delinquentes recolhidos em instituições tendem a ter uma ideia defasada de si mesmo, onde não são dignos de amor e insensíveis às suas necessidades (Hoeve et al., 2012). Para que tal não aconteça, a resiliência é muito importante no que concerne ao ganho do bom senso saudável relativamente à sua identidade. É importante também a empatia, no que diz respeito ao desenvolvimento da esfera emocional e na aquisição de competências sociais. Se a empatia pode ser um fator individual que diminui a probabilidade de ocorrerem comportamentos violentos e criminosos e a falta dela pode ser um fator de aumento do comportamento antissocial, mais especificamente, da agressão e do comportamento impulsivo (Sergiou, Santarnecki, Franken & Dongen, 2020), a aquisição de competências, atitudes e valores na adolescência são fundamentais para que exista uma transição para a vida adulta bem-sucedida. Em particular, a empatia pode ser uma ferramenta chave que pode afetar positivamente as relações (Allemand, Steiger & Fend, 2014). Por outro lado, a ausência de vinculação e a dificuldade em respeitar figuras de autoridade, tende a apresentar uma relação negativa com a empatia, dificultando o desenvolvimento de todas as habilidades cognitivas (quando se consegue ver o estado de outra pessoa) e afetivas (quando se consegue sentir o mesmo que a outra

peessoa) da empatia (Heynen, Helm, Wissink, Stams & Moonen, 2015). Uma vez que os jovens delinquentes tendem a não receberem ferramentas para que consigam, apropriadamente, corresponderem com as expectativas da sociedade (Asscher, Van der Put, & Stams, 2015), uma intervenção precoce poderá fornecer oportunidades cruciais para o desenvolvimento em prole do seu bem-estar e da sociedade em que se inserem (Zonneveld, Platje, Sonnevile, van Goozen & Swaad 2017).

A intervenção face a uma situação de maus tratos deve ter em consideração a proteção adequada da criança, prevenindo a evolução do perigo, evitando a recorrência da mesma (Magalhães, 2002).

Estrutura da tese:

A tese está dividida em três secções. Primeiramente, é apresentado um referencial teórico onde constam os objetivos da investigação. De seguida, é apresentada a metodologia, constituída pela caracterização da amostra, procedimento, instrumentos e análises estatísticas. Por fim, na terceira secção, é encontrado o artigo científico empírico referente à vitimação, empatia e resiliência numa amostra de jovens delinquentes, com a discussão, limitações e conclusão.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 41 jovens, 23 do sexo masculino ($n = 23$; 54.8%) e 18 do sexo feminino ($n = 18$; 42.9%), com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, maioritariamente com 17 anos (38.1%), de nacionalidade Portuguesa ($n = 33$; 78.6%), repetente ($n = 21$; 50%) e a frequentar o nono ano de escolaridade dentro do Centro Educativo ($n = 25$; 59.5%). A maior parte vive apenas com a progenitora ($n = 14$; 33.3%), os pais estão separados/divorciados ou solteiros ($n = 15$; 35.7%) e viviam na sua habitação antes de ingressarem no Centro Educativo ($n = 27$; 64.3%).

Na amostra, identificaram-se 36 jovens vítimas ($n = 36$; 85.7%), das quais 23 são polivítimas ($n = 23$; 54.8%), 18 não polivítimas ($n = 18$; 42.9%), das quais 13 são vítimas ($n = 13$; 30.9%) e 5 não vítimas ($n = 5$; 11.9%). Quando questionados relativamente ao suporte familiar e dos amigos, os participantes responderam concordar totalmente, 83.3% ($n = 35$) e 59.5% ($n = 25$), respetivamente.

Procedimento

Para a realização deste estudo, foi solicitada a autorização à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Após autorização da mesma e dos respetivos centros educativos, procedeu-se à recolha de dados. Esta realizou-se entre janeiro e setembro de 2020 em três Centros Educativos. De forma a assegurar todas as questões éticas e deontológicas, foi realizada uma explicação sobre os objetivos e os procedimentos da investigação, assim como, o carácter voluntário e confidencial da participação no estudo.

Os participantes deram o seu consentimento para participar no estudo e de seguida preencheram o protocolo de investigação. Este é constituído por um questionário sociodemográfico, onde constam perguntas relativas ao jovem, desde a sua história pessoal, satisfação familiar e do grupo de suporte como também questões relativas ao seu comportamento delinvente. Fazem parte do protocolo o *Juvenile Victimization Questionnaire* (JVQ: Almeida, Ramos, Brito & Cardoso, 2020), a Escala de Resiliência, *Resilience Scale* (Felgueiras, Festas & Vieira, 2010) e o *Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children* (QACEC: Veiga e Santos, 2013). Os questionários foram entregues aos jovens e preenchidos pelos próprios, num só momento, e na presença do investigador.

Instrumentos

Os participantes responderam em papel e em formato presencial ao questionário sociodemográfico, ao Questionário de Vitimação Juvenil, *Juvenile Victimization Questionnaire* (JVQ: Almeida et al., 2020), à Escala de Resiliência, *Resilience Scale* (Felgueiras, Festa, & Vieira, 2010) e ao *Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children* (QACEC: Veiga e Santos, 2013).

Questionário Sociodemográfico: Foi administrado um questionário aos jovens para a avaliação das seguintes variáveis sociodemográficas: data de nascimento, idade, sexo, nacionalidade, ano de escolaridade atual, se é ou não repetente, onde vive, com quem vive, número e idade dos irmãos, estado civil da mãe e do pai, idade da mãe e do pai. Foram incluídas duas questões sobre a satisfação com o suporte social recebido da família e dos amigos: a) “Estou satisfeito(a) com o suporte que a minha família me dá. (assinalar com um x)”; b) “Estou satisfeito(a) com o suporte social que os meus amigos me dão. (assinalar com um x)”. As respostas foram fornecidas em escala tipo *Likert* de 5 pontos: 0 – Discordo totalmente; 1 - Discordo na maior parte; 2 - Não concordo nem discordo; 3 - Concordo na maior parte; 4 - Concordo totalmente.

Juvenile Victimization Questionnaire (JVQ; Finkelhor et al., 2005): foi utilizada a versão portuguesa de Almeida e colaboradores (2020: Questionário de vitimação juvenil), que pretende avaliar o crime, o maltrato infantil e outros tipos de vitimação experienciados durante a infância. É um questionário constituído por 34 itens, os quais estão distribuídos em cinco domínios/módulos: Módulo A – Crime Convencional: A1-A8; Módulo B – Maltrato Infantil B1-B4; Módulo C – Vitimação perpetrada por amigos e irmãos: C1-C6; Módulo D – Vitimação Sexual: D1-D7; Módulo E – Testemunho e vitimação indireta: E1-E9. Foi concebido para ser autoadministrado a jovens a partir dos 12 anos de idade e remete as questões para o “último ano” como o período de tempo para reportarem as vitimações. Os itens são avaliados em formato de resposta dicotómica: 0 - “Não”; 1 - “Sim”. A cotação pode ser efetuada através de duas modalidades diferentes: a) módulos: é atribuído um ponto perante a resposta afirmativa a um ou mais acontecimentos de vitimação, em cada módulo; b) índices é atribuído um ponto a cada resposta afirmativa para os itens correspondentes a cada um dos índices; Índice de crimes contra a Propriedade; Índice de Abuso Físico; Índice de Vitimação

Sexual; Índice de Vitimação por pares e irmãos. Este instrumento apresenta boas propriedades psicométricas, tendo como *Alfa de Cronbach* de .94.

Resilience Scale (Wagnil & Yung, 1993): Foi utilizada a versão portuguesa de (Felgueiras, Festas, & Vieira, 2010). Trata-se de um instrumento de autoavaliação, constituído por 25 itens que avaliam a forma como os indivíduos se organizam perante eventos negativos e a sua capacidade de ultrapassar e de se adaptar a determinada situação. Este instrumento integra 5 dimensões de adaptação psicossocial positiva: Perseverança, Autoconfiança, Serenidade, Sentido de Vida e Autossuficiência. Os itens são codificados numa escala de *Likert* de 1 a 5 (1 - “discordo” a 5 - “concordo”) e são cotados em função da frequência com que ocorrem. O resultado final é obtido através da soma das dimensões. Os scores possíveis variam de 25 a 175, sendo que scores mais elevados se traduzem na presença de elevada resiliência. Esta escala apresenta um valor de *Alfa de Cronbach* de .82, evidenciando uma boa consistência interna.

Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children (QACEC; Zoll e Enz, 2010): Foi utilizada a versão portuguesa de Veiga e Santos (2013). Trata-se de uma escala multidimensional que pretende avaliar a empatia de forma cognitiva e afetiva e que está validada para a população portuguesa. É composta por 28 itens, numa escala de *Likert* de cinco pontos (1-discordo totalmente, 2-discordo um pouco, 3-não concordo nem discordo, 4-concordo um pouco e 5-concordo totalmente). Este instrumento apresenta uma elevada consistência interna, com um *Alpha de Cronbach* de .86.

Análise Estatística

De forma a realizar a análise dos dados obtidos através do protocolo acima referido, foi utilizado o *software* estatístico IBM Versão Estatística do SPSS. v.26.0, onde foi criada e recodificada uma base de dados, de forma a possibilitar a realização de testes estatísticos adequados. Nela foram criadas variáveis tendo em conta os valores do JvQ, de forma a criar grupos de vítimas e não vítimas e grupos de polivítimas e não polivítimas.

Primeiramente efetuaram-se as análises descritivas relativas às características sociodemográficas de forma a perceber o tipo de amostra recolhida. As variáveis estudadas diziam respeito ao sexo dos jovens, as idades, a nacionalidade, se é repetente ou não, o ano que frequenta, com quem vivia antes de ingressar para o Centro Educativo,

o estado civil dos pais, onde vivia antes de cumprir a medida e quantas polivítimas e vítimas existem na amostra.

De seguida realizaram-se as análises descritivas relativas à escala da resiliência (*Resilience Scale*), da empatia (*Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children*) e da vitimação (*Juvenile Victimization Questionnaire*), como também de todas as suas subescalas. Relativamente às subescalas, as da resiliência diziam respeito à perseverança, autoconfiança, serenidade, sentido de vida e autossuficiência, as da empatia eram relativas às dimensões afetivas e cognitivas e por fim, as da vitimação que correspondiam ao crime convencional, maltrato infantil, vitimação perpetrada por amigos e irmãos, vitimação sexual e ser testemunho direto e indireto de vitimação. Esta análise teve como finalidade saber qual o mínimo, o máximo, a média e o desvio padrão de cada escala e subescala.

De seguida, foram efetuadas correlações de *Pearson* de forma a que se conseguisse averiguar se existiam correlações estatisticamente significativas positivas ou negativas entre as escalas da Resiliência, Empatia e Vitimação, contabilizando-se apenas as significâncias menores que .05.

Por fim, realizaram-se *ANOVAS* entre os grupos de forma a perceber se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a idade, o sexo, o facto de ser repetente, o estado civil dos pais, já ter estado noutras instituições antes de cumprir medida no Centro Educativo, se era a primeira vez em Centro Educativo, os diversos comportamentos delinquentes e o facto de ser vítima e polivítima com as escalas da vitimação, empatia e resiliência.

Referências

- Allemand, M., Steiger, A.E., & Fend, H.A. (2014). Empathy development in adolescence predicts social competencies in adulthood. *Journal of Personality, 83*(2), 229-241. doi: 10.1111/jopy.12098.
- Almeida, T.C., Ramos, C., Brito, J., & Cardoso, J. (2020). The juvenile victimization questionnaire: Psychometric properties and poly-victimization among Portuguese youth. *Children and Youth Services Review, 113*, 1-33. doi: 10.1016/j.chilyouth.2020.105001.
- Anjaswarni, T., Nursalam, N., Widati, S., & Yusuf, A. (2019). Analysis of the risk factors related to the occurrence of juvenile delinquency behavior. *Journal Ners, 14*(2), 129-136. doi: 10.20473/jn.v14i2.12465.
- Asscher, J.J., Van der Put, C.E., & Stams, G.J.J.M. (2015). Gender differences in the impact of abuse and neglect victimization on adolescent offending behavior. *Journal of Family Violence, 30*(2), 215-225.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2019). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2019*, 1-20.
- Chaplin, T.M., & Aldao, A. (2013). Gender Differences in emotion expression in children: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 134*(4), 735-765. doi: 10.1037/a0030737.
- Clements-Nolle, K., & Waddington, R. (2019). Adverse Childhood Experiences and Psychological Distress in Juvenile Offenders: The Protective Influence of Resilience and Youth Assets. *Journal of Adolescent Health, 64*(1), 49-55. doi: 10.1016/j.jadohealth.2018.09.025.
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (2019). Avaliação da atividade das CPCJ: Relatório anual 2019. Retirado de: <https://www.cnpdpcj.gov.pt/documents/10182/16406/Relat%C3%B3rio+Anual+de+avalia%C3%A7%C3%A3o+da+atividade+das+CPCJ+do+ano+de+2019/e168c7fb-ddc8-4524-ba20-9511d8a5ae27>.
- Dierkhising, C.B., Ford, J.D., Branson, C., Grasso, D.J., & Lee, R. (2018). Developmental timing of polyvictimization: Continuity, change, and association with adverse

- outcomes in adolescence. *Child Abuse & Neglect*, 1-8. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.07.022.
- Esposti, M.D., Pereira, S.M.P., Humphreys, D.K., Sale, R.D., & Bowes, L. (2020). Child maltreatment and the risk of antisocial behaviour: A population-based cohort study spanning 50 years. *Child Abuse & Neglect*, 99, 1-13. doi: 10.1016/j.chiabu.2019.104281.
- Felgueiras, M.C., Festas, C., & Vieira, M. (2010). Adaptação e validação da resilience scale de wagnild e young para a cultura portuguesa. *Cadernos de Saúde*, 3(1), 73-80.
- Finkelhor, D. (2011). Prevalence of child, victimization, abuse, crime, and violence exposure. *Violence against women and children: mapping the terrain*, 1, 9-29.
- Finkelhor, D., Hamby, S.L, Ormrod, R., & Turner, H. (2005). The juvenile victimization questionnaire: Reliability, validity, and national norms. *Child Abuse & Neglect*, 29(4), 383-412. doi: 10.1016/j.chiabu.2004.11.001.
- Finkelhor, D., Ormrod, R.K., & Turner, H.A. (2007). Poly-victimization: a neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect*, 31, 7-26. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.008.
- Finkelhor, D., Turner, H., Ormrod, R., & Hamby, S. L. (2009). Violence, abuse, and crime exposure in a national sample of children and youth. *Pediatrics*, 124(5), 1411–1423. doi: 10.1542/peds.2009-0467.
- Grasso, D.J., Petclerc, A., Henry, D.B., McCarthy, K.J., Wakschlag, L.S., & Briggs-Gowan, M.J. (2016). Examining patterns of exposure to family violence in preschool children: A latent class approach. *Journal of Traumatic Stress*, 00, 1-9. doi: 10.1002/jts.22147.
- Hamby, S., Taylor, E., Mitchell, K., Jones, L., & Newlin, C. (2020). Health-related quality of life among adolescents as a function of victimization, other adversities, and strengths. *Journal of Pediatric Nursing*, 50,46-53. doi: 10.1016/j.pedn.2019.11.001.
- Heynen, E.J.E., Helm, V.D., Wissink, I.B., Stams, G.J.J.M., & Moonen, X.M.H. (2015). “I don’t care about what you want!” The relation between juvenile delinquents’ reponses to social problem situations ans empathy in secure juvenile institutions. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(9), 1412-1426. doi: 10.1177/0886260515618212.

- Hoeve, M., Stams, G.J.J.M., van der Put, Dubas, J.S., van der Laan, Gerris, J.R.M. (2012). A meta-analysis of attachment to parents and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40(5), 771-785. doi: 10.1007/s10802-011-9608-1.
- King, D.C., Abram, K.M., Romero, E.G., Washburn, J.J., & Teplin, L.A. (2011). Childhood maltreatment and psychiatric disorders among detained youth. *Psiquiatric Services*, 62(12), 1430-1438. doi: 10.1176/appi.ps.004412010.
- Kisely, S., Abajobir, A.A., Mills R., Stratheam L., Clavarino, A., & Najman, J.M. (2018). Child maltreatment and mental health problems in adulthood: Birth cohort study. *The British Journal of Psychiatry*, 213, 698-703. doi: 10.1192/bjp.2018.207.
- Liu, T., Li, S.D., Zhang, X., & Xia, Y. (2019). The spillover mechanisms linking family conflicts and juvenile delinquency among Chinese adolescents. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 1-12. doi: 10.1177/0306624X19842057
- Luthar, S., & Cicchetti, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Development and Psychopathology*, 12, 857-885. doi:10.1017/s0954579400004156.
- Magalhães, T. (2002). Maus tratos a crianças e jovens. *Guia prático para profissionais*. Coimbra quarteto.
- Papalia, N., Orgloff, J.R.P., Cutajar, M.m Mullen, P.E. (2018). Child sexual abuse and criminal offending: Gender-specific effects and the role of abuse characteristics and other adverse outcomes. *Child Maltreatment*, 20(10), 1-18. doi: 10.1177/1077559518785779.
- Pereda, N., Guilera, G., & Abad, J. (2014). Victimization and polyvictimization of Spanish children and youth: Results from a community sample. *Child Abuse & Neglect*, 38(4), 640-649. doi: 10.1016/j.chiabu.2014.01.019.
- Piggott, T., Harrington, D., Mann, R., Hamilton, H. A., Donnelly, P. D., & Manson, H. (2018). Youth violence victims and perpetrators in Ontario: Identifying a high-risk group and a focus for public health prevention. *Canadian Journal of Public Health*, 109(2), 195–203. doi:10.17269/s41997-018-0061-6.
- Schreck, C.J., Stewart, E.A., & Osgood, D.W. (2008). A reappraisal of the overlap of violent offenders and victims. *Criminology*, 46(4), 871-906. doi: 10.1111/j.1745-9125.2008.00127.x.

- Sergiou, C.S., Santarnecki, E., Franken, I.H.A., & Van Dongen, J.D.M. (2020). The effectiveness of transcranial direct current stimulation as an intervention to improve empathic abilities and reduce violent behavior: A literature review. *Aggression and Violent Behavior, 55*, 1-9. doi: 10.1016/j.avb.2020.101463.
- Shaffer, J.N., & Ruback, R.B. (2002). Violent victimization as a risk factor for violent offending among juveniles. *Juvenile Justice Bulletin*, 1-12.
- Shonkoff, J.P., Boyce W.T.B., & McEwen, B.S. (2009). Neuroscience, molecular biology, and the childhood roots of health disparities: Building a new framework for health promotion and disease prevention. *American Medical Association, 301*(21), 2-8. doi: 10.1001/jama.2009.754.
- Taylor, T.J., Freng, A., Esbensen, F. (2008). Youth gang membership and serious violent victimization: The importance of lifestyles and routine activities. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(10), 1441-1464. doi: 10.1177/0886260508314306.
- Turner, H.A., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2006). The effect of lifetime victimization on the mental health of children and adolescents. *Social Science & Medicine, 62*(1), 13-27. doi:10.1016/j.socscimed.2005.05.030.
- Veiga, F., & Santos, E. (2013). Uma escala de avaliação da empatia: Adaptação portuguesa do questionnaire to assess affective and cognitive empathy, 1172-1180.
- Wagnild, G. M., Young, H. (1993). Development and psychometric evaluation of the resilience scale. *Journal of Nursing Measurement, 1*(2), 165-178.
- World Health Organization (2020). Violence against children. Retirado de: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-children>.
- Xiong, R., Li, S.D., & Xia, Y. (2020). A longitudinal study of authoritative parenting, juvenile delinquency and crime victimization among Chinese adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*, 2-15. doi: 10.3390/ijerph17041405.
- Yu, L., & Chan, K.L. (2019). Moderating effects of personal strengths in the relationship between juvenile victimization and delinquent behaviors. *Child Abuse & Neglect, 93*, 79-90. doi: 10.1016/j.chiabu.2019.04.019.
- Zonneveld, L.V., Platje, E., Sonnevile, L., van Goozen, S., & Swaab, H. (2017). Affective empathy, cognitive empathy and social attention in children at high risk of

criminal behavior. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(8), 913-921. doi: 10.1111/jcpp.12724.

Zoll, C., & Enz, S. (2010). A questionnaire to assess affective and cognitive empathy in children. Retirado de: https://fis.uni-bamberg.de/bitstream/uniba/218/1/Dokument_1.pdf.

Artigo

Impacto da vitimação juvenil na resiliência e na empatia: Um estudo com jovens delinquentes

Resumo

Enquadramento: Vários estudos apontam para o facto de a vitimação e da delinquência estarem relacionados, uma vez que, jovens vítimas de acontecimentos adversos, apresentam maior probabilidade de enveredar pelo caminho da delinquência. No que concerne à resiliência e à empatia, segundo os estudos, tendem a ser mais baixos neste grupo de jovens. **Objetivo:** Verificar a relação entre a vitimação, empatia e resiliência numa amostra de jovens delinquentes e, analisar se existem diferenças relativamente à faixa etária, ao sexo e à vitimação e polivítimação relativamente à resiliência e à empatia. **Método:** A amostra foi composta por 41 jovens, 23 do sexo masculino (54.8%) e 18 do sexo feminino (42.9%), dos quais 36 são vítimas (85.7%) e 23 polivítimas (54.8%). **Resultados:** Este estudo confirma existir uma relação negativa entre a resiliência e a vitimação, uma relação positiva entre a empatia e a resiliência e diferenças entre os sexos na resiliência. **Conclusão:** As análises deste estudo forneceram uma importante contribuição para o estudo da vitimação, resiliência e empatia em jovens delinquentes. É uma mais valia na promoção de resiliência, a empatia na prevenção da delinquência neste grupo de jovens.

Palavras chave: Vitimação juvenil, delinquência juvenil, resiliência, empatia.

Abstract

Background: Different studies point that victimization and delinquency are related since young victims of adverse events are most likely to take the delinquency path. Regarding resilience and empathy, according to studies, they tend to be lower in this group of young people. **Objectives:** Verify the relationship between victimization, empathy, and resilience in a sample of young delinquents and analyze if there are differences regarding the age group, sex and victimization, and poly-victimization regarding resilience and empathy. **Method:** The sample consisted of 41 young people, 23 males (54.8%) and 18 females (42.9%), of whom 36 are victims (85.7%) and 23 poly-victims (54.8%). **Results:** This study confirms that there is a negative relationship between resilience and victimization, a positive relationship between empathy and resilience and differences between genders in resilience. **Conclusion:** The analysis of this study provided an important contribution to the study of victimization, resilience and empathy in young offenders. It is an asset in promoting resilience, empathy in preventing delinquency in this group of young people.

Keywords: Juvenile victimization, juvenile delinquency, resilience, empathy

Impacto da vitimação juvenil na resiliência e na empatia: Um estudo com jovens delinquentes

Introdução

As crianças tendem a ser as vítimas mais vulneráveis de várias formas de vitimação por diversos agentes (Finkelhor, 2011). Três quartos desta população, com idades compreendidas entre os 2 e os 17 anos, já experienciaram algum tipo de violência (Hillis, Mercy, Amobi, & Kress, 2016). Segundo Finkelhor e colaboradores (2005), a vitimação juvenil é categorizada em cinco áreas: crime convencional, maus-tratos às crianças, vitimação de pares e irmãos, vitimação sexual e testemunhar vitimação direta e indireta. Segundo Finkelhor (2011), esta vitimação pode ser também categorizada em três grandes áreas: crime convencional (e.g., violação, roubo, agressão), atos que violam o bem-estar da criança (e.g., não só o abuso e a negligência como também a exploração infantil), e violência entre pares e contra irmãos.

A vitimação tende a ter impacto ao nível desenvolvimental (Mitchell, Moschella, Hamby, & Banyard, 2019), com problemas de externalização e de internalização, aumentando a probabilidade de os jovens enveredarem por más condutas, de apresentarem maior nível de hiperatividade e violência, sintomas de depressão, ansiedade e stress (Butcher, Holmes, Kretschmar, & Flannery, 2016; Schoeler, Duncan, Cecil, Ploubidis, & Pingault, 2018). Segundo Stephanie e van Goozen (2015), estes jovens tendem a apresentar maior dificuldade em regular as suas emoções, principalmente no que se refere ao medo e à tristeza, e a apresentar dificuldades em experienciar as emoções negativas dos outros (Zonneveld et al., 2017). Uma explicação é o facto de o sistema neurológico, que processa as informações emocionais aversivas, estar comprometido. Por este motivo é que o seu temperamento é particular e os níveis de reatividade emocional diferentes (Stephanie & van Goozen, 2015).

Segundo Espejo-Siles, Zych, Farrington e Llorent (2020), os jovens que são vítimas tendem a apresentar baixos níveis de competências sociais e emocionais, de autoconsciência e emoções morais. A maioria vive apenas com um dos progenitores, apresenta níveis educacionais baixos, menor autocontrolo no abuso de substâncias (fatores de risco individuais), vive em bairros com maior tendência criminógena (fatores de risco ambientais ou de oportunidade) e o seu grupo de pares tende a ter

comportamentos antissociais (fatores de risco social) (Bobbio, Arbach, & Illescas, 2020). Estes fatores, juntamente com o não cumprimento das normas existentes na sociedade, podem ser ferramentas importantes para a previsão destes comportamentos violentos (Espejo-Siles et al., 2020). Glowacz e Buzitu (2014) reforçaram que os adolescentes que são vítimas, tendem a ser mais agressivos, a sentir mais raiva, hostilidade e a apresentar uma autoestima mais baixa. Por esse motivo, a probabilidade de cometerem crimes violentos tende a ser mais elevada, aumentando a possibilidade de serem detidas quando adultas (English, Widom, & Brandford, 2002), mais especificamente, 59% das vítimas, acabam por ser reclusos em estabelecimentos prisionais (Widom & Maxfield, 2001).

Devido ao facto de a vitimação juvenil ser um preditor de delinquência no futuro (Widom & Maxfield, 2001), a relação entre a vitimação e o desenvolvimento de comportamentos delinquentes foi estudada por alguns autores (e.g., Loeber, Kalb & Huizinga, 2001; Cuevas, Finkelhor, Turner & Ormrod, 2007). O estudo de Pereda, Abad e Guilerda (2015), sobre o impacto da vitimização e da polivitimação nos jovens delinquentes, indicou que todos os participantes da amostra foram alvo de vitimização no passado, 92.1% havia cometido um crime e quase todos os jovens foram vítimas de algum tipo de crime durante as suas vidas. Concomitantemente, Finkelhor e colaboradores (2007), identificaram que o sexo masculino tende a apresentar maior probabilidade de perpetrar mais atos delinquentes do que o sexo feminino. Estes comportamentos podem ser apenas temporários e situacionais, quando presentes apenas na fase da adolescência ou estáveis e persistentes, quando estão presentes até à fase adulta (Moffitt, 1993). Segundo Liu e Miller (2019) a idade é também um fator importante para a diminuição da delinquência. Quanto maior a idade, menor será a probabilidade de o jovem cometer atos delinquentes (Ernestus, & Prelow, 2015; Gonçalves, 2003; Voisin, Kim, Bassett & Marotta, 2018).

Em 2018, os dados do RASI (Relatório Anual de Segurança Interna) em Portugal referentes à delinquência juvenil identificaram um decréscimo de ocorrências de natureza criminal, na violência física (e.g., roubos, tráfico de droga) e nas ameaças perpetradas em meio escolar. Associada à delinquência juvenil, surge muito frequentemente a criminalidade grupal, altamente encorajadora e potenciadora de execução de práticas ilícitas. O estudo de Clements-Nolle e Waddington (2019), com jovens que experienciaram acontecimentos adversos durante a sua vida, identificou que mais de metade dos jovens estavam a ser acompanhados pelo sistema de justiça e alguns estavam detidos. O estudo também identificou que a boa comunicação com a família, a relação

com a escola e o envolvimento na vida dos jovens de adultos/pares modelos, são aspectos essenciais para o aumento da resiliência e de redução do sofrimento psicológico destes jovens.

A resiliência é apresentada como um fator importante na diminuição da delinquência, tendo um papel mediador significativo entre os traços de personalidade e a atitude em relação à mesma (Mansouri, Mousavi-Nasab, & Lori, 2015). Suárez-Soto, Pereda e Guilerda (2019) concluíram que os jovens polivítimas com comportamentos suicidas apresentavam menores fatores de resiliência em diferentes domínios, como o *self*, família, grupo de pares, escola e comunidade. O impacto da genética e do ambiente que o jovem é exposto também têm peso na resiliência (Waaktaar & Torgersen, 2012). Segundo Kirchner e colaboradores (2017), jovens vítimas resilientes tendem a apoiar-se mais na família, a verem os aspectos positivos da vida, conseguindo ultrapassar situações adversas de vida mais facilmente e tendem a utilizar estratégias de *coping*, como procurar o apoio familiar e dos amigos e falar sobre os seus problemas pessoais. Por sua vez, os jovens vítimas que não são resilientes, tendem a utilizar estratégias de evitamento em vez do enfrentamento. Os estudos têm vindo a mostrar que, quanto mais resiliente o jovem é, menor será a probabilidade de este praticar comportamentos delinquentes e de desenvolver distúrbios em situações adversas de vida (Mansouri et al., 2015; Newsome, et al., 2015).

O estudo de Rajabi e Salmanpour (2019) que comparou ao nível de resiliência em jovens detidos e jovens da população normativa, demonstrou que os jovens delinquentes apresentavam menores níveis de resiliência. Uma vez que a resiliência não nasce com o indivíduo e é muito mais do que uma combinação de episódios de vida felizes (Pinheiro, 2004) e para que se desenvolva como fator protetor desde cedo, o histórico familiar é fulcral. Se este for favorável, proporcionará maior estabilidade ao jovem, que tenderá a reagir de forma mais positiva aos acontecimentos adversos da vida (Glowacz & Buzitu, 2014). A resiliência é fundamental na superação de situações adversas de vida para os jovens, uma vez que permite a utilização dos seus recursos positivos, de modo a superar essas adversidades. É, desta forma, um fator de proteção muito importante na adaptação do indivíduo às exigências da sociedade (Sapienza & Pedromônico, 2005).

Segundo Clements-Nolle e Waddington (2019), a resiliência, a comunicação com a família, a relação com a escola e o modelo de pares/adultos são fatores protetores que ajudam na diminuição do impacto como a delinquência. Se existir por parte do indivíduo falta de sensibilidade social, falta de empatia e uma baixa interação com a sociedade,

maior probabilidade existirá também de surgir maior envolvimento em comportamentos delinquentes (Jolliffe & Farrington, 2004). Também segundo Oberth, Zheng e McMahon (2017), adolescentes com baixa aceitação de afetos e com baixos níveis de remorsos e empatia, têm maior probabilidade de enveredar por comportamentos delinquentes variados e mais severos. A probabilidade de estes indivíduos serem motivados a inibir o seu comportamento violento, passa pelas habilidades empáticas que possuem. Estas competências empáticas podem ser do foro afetivo, quando um indivíduo experiencia e sente a mesma emoção que o outro transmite, e por outro lado, do foro cognitivo quando existe a capacidade de entender as emoções ou pensamentos que o outro está a sentir sem que esteja emocionalmente envolvido (Blair, 2005). Um elevado grau de empatia e percepção para agir e evitar injustiças, poderá fazer com que estes adolescentes tenham maior motivação para agir conforme as leis morais. Este raciocínio pode ser controlado e motivado pela preocupação empática ou pelo controlo cognitivo que controla a tomada de perspectiva (Decety & Yoder, 2015). Segundo Morris (2019), a empatia tem elevado impacto na promoção do comportamento pró-social e na inibição o comportamento antissocial. A empatia contribui para o comportamento pró-social, na medida em que existe uma motivação significativa para a ajuda daqueles por quem o indivíduo se sente empático, sendo fundamental para que exista a promoção de relações interpessoais ajustadas.

Vinayak e Judge (2018), salientam que a relação entre a resiliência e a empatia apresentam um papel importante para o desenvolvimento do bem-estar psicológico dos adolescentes. No seu estudo verificaram que ambos são preditores do bem-estar psicológico. No entanto, relativamente aos sexos, a empatia está primeiramente ligada ao facto de ser preditor no sexo feminino e só depois entra a resiliência. Relativamente ao sexo masculino, apenas a resiliência funciona como preditor de bem-estar psicológico. A superação de experiências stressantes faz com que os adolescentes acreditem que são suficientemente fortes para enfrentar novas adversidades no futuro, sentindo-se assim positivos.

O objetivo deste estudo é identificar a relação entre a vitimação, empatia e resiliência numa amostra de jovens delinquentes. Pretende-se também analisar se existem diferenças relativamente à faixa etária, ao sexo e à vitimação e polivítimação no que diz respeito à resiliência e à empatia.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 41 jovens de Centros Educativos Portugueses, 23 do sexo masculino (54.8%) e 18 do sexo feminino (42.9%), com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, maioritariamente com 17 anos (38.1%), de nacionalidade Portuguesa ($n = 33$; 78.6%), repetente ($n = 21$; 50%) e a frequentar o nono ano de escolaridade dentro do Centro Educativo ($n = 25$; 59.5%). A maior parte vive apenas com a progenitora ($n = 14$; 33.3%), os pais estão separados/divorciados ou solteiros ($n = 15$; 35.7%) e viviam na sua habitação antes de ingressarem no Centro Educativo ($n = 27$; 64.3%).

Quando questionados relativamente ao facto de identificar suporte social familiar, 83.3% respondeu que concordava totalmente ($n = 35$), 11.9% concordou na maior parte ($n = 5$) e 2.4 % discordou totalmente ($n = 1$). Quando questionados sobre a satisfação relativamente ao suporte que os amigos dão, 59.5% respondeu concordar totalmente ($n = 25$), 14.3% não concordou nem discordou ($n = 6$), 11.9% discordou na maior parte ($n = 5$), 9.5% concordou na maior parte ($n = 4$) e 2.4% discordou totalmente ($n = 1$).

Os participantes não vítimas assinalaram que não apresentavam no último ano nenhum tipo de vitimação e as vítimas assinalaram ter apresentado vitimação, As não polivítimas, são representadas pelos participantes que assinalaram menos de quatro tipos de vitimação sofrida no último ano e as polivítimas, as que reportaram quatro ou mais tipos de vitimação. Neste sentido, foram identificadas 36 vítimas ($n = 36$; 85.7%) e 23 polivítimas ($n = 23$; 54.8%).

[Inserir Tabela 1 aqui]

Procedimento

Foi solicitada a autorização para realizar este estudo à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Após autorização da mesma e dos respetivos centros educativos, procedeu-se à recolha de dados. Esta realizou-se entre janeiro e setembro de 2020 em três Centros Educativos. De forma a assegurar todas as questões éticas e deontológicas, foi realizada uma explicação sobre os objetivos e os procedimentos da investigação, assim como, o carácter voluntário e confidencial da participação no estudo.

Os participantes deram o seu consentimento para participar no estudo e de seguida preencheram o protocolo de investigação. Este é constituído por um questionário

sociodemográfico, onde constam perguntas relativas ao jovem, desde a sua história pessoal, satisfação familiar e do grupo de suporte como também questões relativas ao seu comportamento delinvente. Fizeram parte do protocolo o *Juvenile Victimization Questionnaire* (JVQ: Almeida, Ramos, Brito & Cardoso, 2020), a Escala de Resiliência, *Resilience Scale* (Felgueiras, Festas & Vieira, 2010) e o *Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children* (QACEC: Veiga e Santos, 2013). Os protocolos de investigação foram entregues aos jovens e preenchidos pelos próprios, num só momento, e na presença do investigador.

Instrumentos

Os participantes responderam em papel e em formato presencial ao questionário sociodemográfico, ao Questionário de Vitimação Juvenil, *Juvenile Victimization Questionnaire* (JVQ: Almeida et al., 2020), à Escala de Resiliência, *Resilience Scale* (Felgueiras, Festas & Vieira, 2010) e ao *Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children* (QACEC: Veiga e Santos, 2013).

Questionário Sociodemográfico: Foi administrado um questionário aos jovens para a avaliação das seguintes variáveis sociodemográficas: data de nascimento, idade, sexo, nacionalidade, ano de escolaridade atual, se é ou não repetente, onde vive, com quem vive, número e idade dos irmãos, estado civil da mãe e do pai, idade da mãe e do pai. Foram incluídas duas questões sobre a satisfação com o suporte social recebido da família e dos amigos: a) “Estou satisfeito(a) com o suporte que a minha família me dá.”; b) “Estou satisfeito(a) com o suporte social que os meus amigos me dão.”. As respostas foram fornecidas em escala tipo *Likert* de 5 pontos: 0 – Discordo totalmente; 1 - Discordo na maior parte; 2 - Não concordo nem discordo; 3 - Concordo na maior parte; 4 - Concordo totalmente.

Juvenile Visctimization Questionnaire (JVQ; Finkelhor et al., 2005): foi utilizada a versão portuguesa de Almeida e colaboradores (2020: Questionário de vitimação juvenil), que pretende avaliar o crime, o maltrato infantil e outros tipos de vitimação experienciados durante a infância. É um questionário constituído por 34 itens, os quais estão distribuídos em cinco domínios/módulos: Módulo A – Crime Convencional: A1-A8; Módulo B – Maltrato Infantil B1-B4; Módulo C – Vitimação perpetrada por amigos e irmãos: C1-C6; Módulo D – Vitimação Sexual: D1-D7; Módulo E – Testemunho e vitimação indireta: E1-E9.

Foi concebido para ser autoadministrado a jovens a partir dos 12 anos de idade e remete as questões para o “último ano” como o período de tempo para reportarem as vitimações. Os itens são avaliados em formato de resposta dicotómica: 0 - “Não”; 1 - “Sim”. A cotação pode ser efetuada através de duas modalidades diferentes: a) módulos: é atribuído um ponto perante a resposta afirmativa a um ou mais acontecimentos de vitimação, em cada módulo; b) índices é atribuído um ponto a cada resposta afirmativa para os itens correspondentes a cada um dos índices; Índice de crimes contra a Propriedade; Índice de Abuso Físico; Índice de Vitimação Sexual; Índice de Vitimação por pares e irmãos. Este instrumento apresenta boas propriedades psicométricas, tendo como *Alfa de Cronbach* de .94.

Resilience Scale (Wagnil & Yung, 1993): Foi utilizada a versão portuguesa de (Felgueiras, Festas, & Vieira, 2010). Trata-se de um instrumento de autoavaliação, constituído por 25 itens que avaliam a forma como os indivíduos se organizam perante eventos negativos e a sua capacidade de ultrapassar e de se adaptar a determinada situação. Este instrumento integra 5 dimensões de adaptação psicossocial positiva: Perseverança, Autoconfiança, Serenidade, Sentido de Vida e Autossuficiência. Os itens são codificados numa escala de *Likert* de 1 a 5 (1 - “discordo” a 5 - “concordo”) e são cotados em função da frequência com que ocorrem. O resultado final é obtido através da soma das dimensões. Os scores possíveis variam de 25 a 175, sendo que scores mais elevados se traduzem na presença de elevada resiliência. Esta escala apresenta um valor de *Alfa de Cronbach* de .82, evidenciando uma boa consistência interna.

Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children (QACEC; Zoll e Enz, 2010): Foi utilizada a versão portuguesa de Veiga e Santos (2013). Trata-se de uma escala multidimensional que pretende avaliar a empatia de forma cognitiva e afetiva e que está validada para a população portuguesa. É composta por 28 itens, numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 - discordo totalmente, 2 - discordo um pouco, 3 - não concordo nem discordo, 4 - concordo um pouco e 5 - concordo totalmente). Este instrumento apresenta uma elevada consistência interna, com um *Alfa de Cronbach* de .86.

Resultados

Análise descritiva

Com base na análise descritiva (Tabela 2) verifica-se que, o valor total do JVQ apresenta um valor mínimo de 0 e um máximo de 16 ($M = 4.95$, $DP = 4.04$). Relativamente às suas subescalas do JVQ, a nossa amostra, o módulo A – crime convencional tem de mínimo 0 e de máximo .63 ($M = .12$, $DP = .17$), o módulo B - maltrato infantil, com mínimo de 0 e máximo 1 ($M = .13$, $DP = .22$), o módulo C- vitimação perpetrada por amigos e irmãos tem de mínimo 0 e máximo .50 ($M = .10$, $DP = .15$), o módulo D - vitimação sexual com um mínimo de 0 e máximo .29 ($M = .10$, $DP = .09$) e o módulo E - Testemunho e vitimação indireta, com um mínimo de 0 e máximo de .78 ($M = .24$, $DP = .22$).

No que se refere à resiliência, o total da escala, tem de mínimo 79 e de máximo 169 ($M = 133.49$, $DP = 23.17$). Relativamente às suas subescalas, a perseverança apresenta um mínimo de 24 e máximo 47 ($M = 35.39$, $DP = 6.13$), a autoconfiança um mínimo de 13 e máximo 28 ($M = 21.98$, $DP = 4.35$), a serenidade um mínimo de 15 e máximo de 42 ($M = 32.07$, $DP = 7.16$), o sentido de vida com mínimo de 13 e máximo 75 ($M = 28.44$, $DP = 9.62$) e por fim, a autossuficiência com mínimo de 3 e máximo 14 ($M = 10.17$, $DP = 2.66$).

No que se refere à escala da empatia, o mínimo é de 67 e máximo 98 ($M = 83.90$, $DP = 9.89$). A dimensão afetiva tem um mínimo de 26 e máximo de 50 ($M = 43.66$, $DP = 5.75$) e a dimensão cognitiva um mínimo de 30 e máximo 50 ($M = 40.24$, $DP = 5.82$).

Relativamente ao suporte familiar, o mínimo identificado pelos participantes é de 1 e o máximo de 5 ($M = 4.78$, $DP = .69$). Quanto ao suporte dos amigos, o mínimo identificado pelos participantes é de 2 e máximo de 5 ($M = 4.15$, $DP = 1.22$).

[Inserir Tabela 2 aqui]

Análise de correlações

Os resultados deste estudo mostram existir correlações estatisticamente significativas positivas (Tabela 3) entre as diversas subescalas da vitimação, mais concretamente entre o crime convencional e o maltrato infantil ($r = .43$, $p = .00$), a vitimação perpetrada por amigos e irmãos ($r = .44$, $p = .00$) e ser testemunha direta e indireta ($r = .35$, $p = .02$). O maltrato infantil apresenta uma correlação estatisticamente positiva com a vitimação perpetrada por amigos e irmãos ($r = .42$, $p = .01$) e a vitimação

sexual tem uma correlação estatisticamente positiva com o testemunhar direta ou indiretamente a vitimação ($r = .44, p = .00$). Existem ainda, correlações estatisticamente significativas entre a totalidade da vitimação com todas as suas subescalas, ou seja, com o crime convencional ($r = .75, p = .00$), o maltrato infantil ($r = .63, p = .00$), a vitimação perpetrada por amigos e irmãos ($r = .60, p = .00$), a vitimação sexual ($r = .54, p = .00$) e o testemunhar direta ou indiretamente a vitimação ($r = .79, p = .00$).

[Inserir Tabela 3 aqui]

Relativamente à resiliência e à vitimação (Tabela 4) os resultados apontam para a existência de uma correlação estatisticamente negativas entra a vitimação perpetrada por amigos e irmãos e a subescala da resiliência relativa à serenidade ($r = -.43, p = .01$). Existem também correlações estatisticamente significativas positivas entre o total da empatia e a escala da resiliência, especificamente com a subescala da perseverança ($r = .46, p = .00$) e da autoconfiança ($r = .44, p = .01$). Verificam-se correlações estatisticamente significativas positivas entre a dimensão afetiva da empatia com as subescalas da resiliência, mais concretamente entre a perseverança ($r = .46, p = .02$) e a autoconfiança ($r = .35, p = .03$). Existem ainda, correlações estatisticamente significativas positivas entre a dimensão cognitiva da escala da empatia e as subescalas da resiliência, a perseverança ($r = .42, p = .01$) e a autoconfiança ($r = .40, p = .01$).

[Inserir Tabela 4 aqui]

Análise de comparação de grupos

Os valores referentes ao sexo, indicam diferenças estatisticamente significativas em relação aos valores identificados na subescala da resiliência ‘sentido de vida’. Os resultados indicam que o sexo masculino apresenta maior sentido de vida comparativamente com o sexo feminino ($M = 6.24; DP = 2.05$), [$F(39) = 4.79, p = .04$].

Não existiram diferenças estatisticamente significativas no que se refere à idade, nem entre vítimas e não vítimas, nem entre polivítimas e não polivítimas nos valores da escala de resiliência nem de empatia e também não foram identificadas diferenças de sexo em relação à empatia.

Discussão

Atendendo ao facto de as crianças serem o público alvo mais atingido pela vitimização (Finkelhor, 2011), é importante estudar as suas consequências para que seja possível diminuir os efeitos adversos da mesma. Neste sentido, o principal objetivo deste estudo foi identificar a relação entre a vitimação, empatia e resiliência numa amostra de jovens delinquentes. Pretendeu-se também analisar se existiam diferenças relativamente à faixa etária, ao sexo e à vitimação e polivitimação no que diz respeito à resiliência e à empatia.

É na juventude que os laços que se criam com os amigos e com os pais, juntamente com a monitorização adequada, se tornam dimensões supressoras da delinquência infantil (Liu & Miller, 2019). Sem descurar da função de suporte necessário que a família tem na adolescência, fundamental para que se prossiga de forma correta, sem comportamentos desajustados. No entanto, se o apoio e a orientação não corresponder à necessária, estes jovens terão mais facilidade em enveredar pelo caminho da delinquência (Changalasetty, et al., 2019). Nesta investigação, quando questionados relativamente à satisfação com o suporte por parte dos amigos, a maior parte da amostra identificou sentir-se satisfeito com o apoio recebido. Uma razão para que exista uma elevada satisfação dos jovens relativamente ao seu grupo de pares, assenta no facto de, possivelmente, os jovens delinquentes tenderem a ter grupos de pares também eles delinquentes, sentindo-se assim apoiados (Walters, 2019; Anjaswarni et al., 2019). Por sua vez, o lar é muito importante para o crescimento individual, sendo por vezes o principal responsável para a aquisição de competências, impedindo que adotem comportamentos delinquentes. A falta desse apoio pode ser prejudicial para o jovem (Changalasetty et al., 2019).

À semelhança do que aconteceu com o reconhecimento do suporte familiar por parte dos amigos, os jovens que participaram neste estudo identificaram satisfação com o apoio recebido por parte da família. O facto de a amostra ser composta apenas por jovens delinquentes, apresenta bastantes fatores de risco familiares e escolares, como o facto de terem nascido num seio familiar monoparental, mais especificamente, criados apenas pela mãe, no qual os pais encontram-se separados/divorciados ou solteiros e existe uma elevada percentagem de repetente. Segundo Bobbio, Lorenzino e Arbach (2015), os jovens delinquentes tende a apresentar no seu quotidiano, menor apoio e controlo por parte dos seus progenitores uma vez que maior parte é criado num ambiente monoparental, tendo a presença da mãe como principal referência. Por analogia, se o controlo da progenitora é menor, levando a que o adolescente perpetue de forma livre, a

satisfação dos filhos irá ser maior. Não obstante, nos centros educativos, existem metodologias dirigidas ao trabalho com a familiar, com o objetivo de proporcionar o acompanhamento do jovem durante o cumprimento de toda a medida. É favorecido a estes jovens o contacto com a família e os seus amigos, em prole do vínculo social, por meio de participação nas atividades lúdicas ou em visitas semanais (artigo 22.º da Lei Tutelar Educativa). Este poderá ser um motivo, para os jovens se sentirem apoiados.

Uma vez que existe uma ligação entre a delinquência e a vitimação (Pereda, Abad & Guilera, 2015; Kerig, 2018) e devido ao facto de existir um considerável número de vítimas nesta investigação, foi importante explorar a ligação entre os diversos tipos de vitimação, uma vez que existe cada vez mais o reconhecimento e a prevalência desta e o impacto que tem na vida da criança/jovem (Ford & Delker, 2018). Paralelamente, os jovens que estão inseridos em instituições são caracterizadas como as que apresentam maiores níveis de polivitimação (Segura, Pereda, Guilera & Abad, 2016). No nosso estudo, verificou-se existir uma relação entre os vários tipos de vitimação. Segundo Cudmore, Cuevas e Sabina (2015), jovens que têm uma ligação desde cedo com o sistema de justiça, tendem a apresentar elevada probabilidade de sofrer variados tipo de vitimação.

Nesta investigação, observou-se que a amostra de jovens delinquentes que fazem parte da nossa amostra apresentou uma elevada percentagem de níveis de resiliência. Embora não existam muitos estudos que relacionem a delinquência e a resiliência. Segundo o estudo de Rajabi e Salmanpour (2019), os jovens delinquentes, comparativamente com um grupo de jovens não delinquentes, tende a apresentar níveis de resiliência mais baixos. No entanto, uma vez que não foram comparadas estas duas amostras no nosso estudo, possivelmente, a amostra de jovens não delinquentes poderia apresentar, na população Portuguesa, níveis mais elevados dos que os que obtivemos neste estudo. O estudo português, realizado por Martins e Neto (2016), que teve como objetivo analisar as relações entre a resiliência e o autocontrolo em jovens institucionalizados e não institucionalizados, identificou diferenças entre os jovens que estavam institucionalizados e não institucionalizados ao nível da resiliência, na qual os institucionalizados apresentavam níveis menores. Na análise entre a vitimação e resiliência, aparece, por um lado a ideia de que num estudo os adolescentes delinquentes vítimas apresentam resiliência menor (Rajabi & Salmanpour, 2019) e noutra os jovens vítimas institucionalizadas apresentam valores mais elevados do que jovens não institucionalizados (Martins & Neto, 2016). Quando se estuda a resiliência, ainda que não

exista um resultado consensual, é possível aferir a existência de fatores fulcrais para o ganho da mesma, como o seio familiar, social e cultural. Pelo facto de não ser um atributo inato, mas sim adquirido, a dinâmica da resiliência tende a surgir nas interações com o meio que o jovem está envolvido ajuda no ganho ou na perda da mesma (Rutter, 2006). Centrando-nos no facto de estes jovens não só serem conotadas como delinquentes como também vítimas por diversos agentes, o facto de estarem inseridos numa instituição, afastados do seu meio habitual, a existência de programas pedagógicos, com o objetivo da interiorização de valores podem ser uma mais valia para que no futuro prossigam de forma juridicamente correta. Desta forma, embora possam estar presentes diversos fatores que prejudicam o ganho de resiliência, na instituição é possível que os jovens estabeleçam ligações afetivas, atenuando os fatores de risco existentes, com o objetivo de desenvolver diversas competências ao nível pessoal, afetivo e social, potenciando o desenvolvimento adaptativo (Mota & Matos, 2010).

Outro resultado deste estudo relaciona-se com o facto de os jovens delinquentes que passaram por vitimação perpetrada por amigos ou irmãos apresentarem a identificação de menor serenidade. Segundo o estudo de Glowacz e Buzitu (2014) os jovens vítimas tendem a ser mais agressivos, hostis e com maior sentimento de raiva. Segundo Piggot et al., (2018), as crianças vítimas tendem a apresentar maior probabilidade de se tornarem agressoras e de perpetuarem de forma criminosa. Estas crianças apresentam nas suas características da personalidade uma maior impulsividade e um baixo controlo de si mesmas, podendo estar também mais vulneráveis à vitimação por parte dos pares devido ao seu comportamento delinvente (Griffin et al., 2012).

Existiu também, nesta investigação, a relação entre a empatia e a resiliência, mais especificamente na esfera afetiva e cognitiva com a perseverança e a autoconfiança. A resiliência, segundo Di Fabio e Palazzeschi (2015), tem um importante papel para a promoção do bem-estar dos indivíduos e a empatia é crucial para o ganho de competências sociais e emocionais (Allemand et al., 2014). Visto que a esfera cognitiva da empatia se designa pela compreensão das emoções dos outros e a emocional pela partilha destas (Abramson, Uzefovsky, Tocceceli & Knafo-Noam, 2020), a empatia tem impacto na promoção do comportamento pró-social, na medida em que existe uma motivação significativa na promoção de relações interpessoais ajustadas (Morris, 2019). Estas relações ajustadas irão ser bastante benéficas em muitas valências, como é o caso do aumento da autoconfiança destes jovens (Soucisse, Maisonneuve & Normand, 2015). Segundo Weissberg, Durlak, Domitrovich e Gullota (2015), existe uma relação entre

variáveis emocionais como a autoconsciência e o autocontrole, a empatia, a perseverança, a tomada de decisão e o comportamento pró-social, promovendo assim o desenvolvimento saudável dos jovens. Segundo Vinayak e Judge (2018), tanto a empatia com a resiliência apresentam um papel importante para o desenvolvimento do bem-estar psicológico dos adolescentes. Uma vez que a resiliência tem um papel importante na promoção do bem-estar e a empatia nas competências sociais, a sua relação irá fazer com que aumente a possibilidades de existirem relações interpessoais mais ajustadas, levando a que exista a um aumento da autoconfiança (Morris, 2019).

Relativamente às diferenças entre a resiliência e o fator relativo ao sexo, nesta investigação, o sexo masculino apresentou maiores níveis de sentido de vida (subescala de resiliência) do que o sexo feminino. Estes resultados corroboram o estudo de Zhao, Li, Nie e Zhou (2020), que identifica o sentido de vida como um importante protetor psicológico, moderador entre a adversidade e os resultados negativos que dela advém, apresentando-se com valores mais elevados no sexo masculino.

No que concerne à idade dos jovens delinquentes e a sua relação com a resiliência nem com a empatia, não se denotou existir diferenças significativas. De salientar que não existiu uma amostra homogénea em relação à idade. Relativamente ao sexo, não existiram diferenças entre os sexos na dimensão da empatia. De referir que os jovens estão inseridos em centros educativos e nestes existem programas, segundo a DGRSP (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais), com a finalidade de treinar as competências pessoais e sociais, na aquisição de competências específicas, em prol de uma intervenção psicoeducacional, no combate ao comportamento agressivo. Estes programas visam desenvolver, em especial, a adoção de comportamentos socialmente ajustados. Assim, tanto o sexo feminino como masculino irá ter acesso ao mesmo tipo de programas, que visam o colmatar de problemas individuais, auxiliando no ganho de ferramentas necessárias para o cumprimento dos objetivos, por via de acompanhamento psicológico (DGRSP). Esta pode ser uma explicação para a falta de diferenças ente rapazes e raparigas ao nível da empatia.

Limitações

O presente estudo possui certas limitações que devem ser abordadas. Primeiramente, atendendo ao facto de ser um estudo com uma população alvo desafiante, no que diz respeito à aceitação da participação em estudos científicos, o não

consentimento por parte de alguns jovens, comprometeu a aquisição de uma amostra mais alargada. A segunda limitação diz respeito ao facto de apenas três Centros Educativos terem aceite a recolha da amostra nas suas instalações. Uma vez que existem seis Centros Educativos no país, esperávamos obter o consentimento de todos para a recolha de dados, o que não foi possível, não podendo obter, desta forma, uma amostra representativa da população portuguesa. Em estudos futuros, a recolha da amostra deverá realizar-se em todos os Centros Educativos existentes no país, de forma a possibilitar a generalização dos dados. A terceira limitação diz respeito ao facto de não existir uma homogeneidade na amostra no que se refere ao sexo e idades.

Conclusão

Apesar das limitações observadas, este estudo confirma existir uma relação entre as diversas formas de vitimação numa amostra de jovens delinquentes, uma vez que, crianças/jovens que passaram por diversos eventos traumáticos, tendem a sofrer de revitimização ou de polivitimização (Dierkhising et al., 2018).

Existiu uma correlação estatisticamente negativa entre a vitimação e a resiliência, ou seja, quanto mais o jovem é vítima, menor resiliência apresenta. Uma vez que a resiliência é algo adquirido pelo apoio que a criança/jovem recebe por parte da família, da escola, do meio envolvente que se insere e pelo grupo de pares, se a criança tiver uma lacuna no suporte a diversos níveis, o desenvolvimento de resiliência ficará comprometido. Esta investigação permitiu demonstrar numa amostra com jovens delinquentes inseridos em Centros Educativos, que mesmo após as adversidades apresentadas, estes apresentam resiliência elevada, podendo este, ser um fator importante para uma intervenção eficaz com estes jovens, na medida em que potencia as competências dos mesmos.

A existência de uma elevada empatia e resiliência nos indivíduos, em geral, é muito importante. Uma vez que a empatia tem impacto na promoção de um comportamento adequado, levando a que exista uma promoção de comportamentos interpessoais ajustados (Allemand et al., 2014; Morris, 2019), e a resiliência um papel fundamental no bem-estar dos indivíduos, conduzindo-os para que, mesmo com as adversidades impostas durante um determinado estágio desenvolvimental de vida, consigam superar adversidades (Di Fabio & Palazzeschi, 2015). Estudar estes dois fenómenos nos adolescentes delinquentes, uma vez que estudos ressaltam a ideia de que apresentam uma resiliência e empatia maioritariamente baixa (Rajabi & Salmanpour, 2019; Clements-Nolle & Waddington, 2019), ajuda a identificar a dimensão que os acontecimentos adversos de vida têm para com estes jovens. Sabe-se também que, um bom suporte recebido por parte da família, escola, comunidade e do grupo de pares, é uma mais valia para que a resiliência e a empatia comecem desde cedo a fazer parte da vida integral do jovem. Por outro lado, uma das causas comuns nos adolescentes delinquentes é o facto de esse mesmo apoio por parte da família, amigos, comunidade e escolar ser deficitário (Heynen et al., 2015; Clements-Nolle & Waddington, 2019). Posto isto, e uma vez que o presente estudo demonstrou que os jovens delinquentes, de ambos os sexos, decretaram um bom suporte familiar e por parte dos amigos, tendo, por conseguinte, uma resiliência

e empatia elevada, é importante estudar quais os fatores que estão presentes diariamente na vida dos jovens, para que estes designem o apoio dos familiares e dos amigos como bastante positivos. Os dados relativos ao suporte social identificados neste estudo vão contra o que a literatura menciona e neste sentido, identificar estas diferenças ao nível dos resultados pode ser uma mais valia para a criação de projetos.

Sendo este um estudo pioneiro em Portugal no que concerne à ligação da empatia, resiliência e vitimação em jovens delinquentes, pelo que se sabe, a sua existência é central para que se consigam determinar um leque de opções de mais valias ligadas a ele.

Uma vez que estes jovens delinquentes, vítimas e polivítimas, se encontravam inseridos em diversos Centros Educativos, e as respostas em relação ao suporte foram todas elas idênticas, é um bom começo para se pensar que estas instituições têm uma estrutura bastante rígida e projetos eficazes na transmissão de valores aos jovens. Se é possível alterar as crenças após os jovens estarem em privação de liberdade, mais gratificante e eficaz, seria importante se estes mesmos projetos se realizassem numa esfera mais precoce da vida do jovem, de forma mais preventiva.

Referências

- Abramson, L., Uzefovsky, F., Toccaceli, V., & Knafo-Noam, A. (2020). The genetic and environmental origins of emotional and cognitive empathy: Review and meta-analyses of twin studies. *Neuroscience & Biobehavioral Review*. doi: 10.1016/j.neubiorev.2020.03.023.
- Allemand, M., Steiger, A.E., & Fend, H.A. (2014). Empathy development in adolescence predicts social competencies in adulthood. *Journal of Personality*, 83(2), 229-241. doi: 10.1111/jopy.12098.
- Almeida, T.C., Ramos, C., Brito, J., & Cardoso, J. (2020). The juvenile victimization questionnaire: Psychometric properties and poly-victimization among Portuguese youth. *Children and Youth Services Review*, 113, 1-33. doi: 10.1016/j.childyouth.2020.105001 Ramos, Brito & Cardoso, 2020.
- Anjaswarni, T., Nursalam, N., Widati, S., & Yusuf, A. (2019). Analysis of the risk factors related to the occurrence of juvenile delinquency behavior. *Journal Ners*, 14(2), 129-136. doi: 10.20473/jn.v14i2.12465.
- Blair, R.J.R. (2005). Applying a cognitive neuroscience perspective to the disorder of psychopathy. *Development and Psychopathology*, 17, 865-891. doi: 10.1017/S0954579405050418.
- Bobbio, A., Arbach, K., & Illescas, S.R. (2020). Juvenile delinquency risk factors: Individual, social, opportunity or all of these together?. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 62, 1-11. doi: 10.1016/j.ijlcrj.2020.100388.
- Bobbio, A., Lorenzino, L., & Arbach, K. (2015). Familia, barrio y sociedad: Un estudio comparativo en jóvenes con y sin antecedentes delictivos de Argentina. *Criminalidad*, 58(1), 81-95.
- Butcher, F., Holmes, M.R., Kretschmar, J.M., & Flannery, D.J. (2016). Polyvictimization across social contexts: home, school, and neighborhood

- violence exposure. *Criminal Justice and Behavior*, 43, 1726-1740. doi: 10.1177/0093854816662679.
- Changalasetty, S.B., Belgacem, B., Badawy, A.S., Ghribi, W., Ahmed, A.M., Bangali, H., Thota, L.S., Prasad, M.S., & Permuda, R. (2019). Assessing the relation between family background and juvenile delinquency using data mining. *2019 International Conference on Computer Communication and informatics (ICCCI)*, 1-4. doi: 10.1109/ICCCI.2019.8822138.
- Clements-Nolle, K., & Waddington, R. (2019). Adverse childhood experiences and psychological distress in juvenile offenders: The protective influence of resilience and youth assets. *Journal of Adolescent Health*, 64, 49-55. doi: 10.1016/j.jadohealth.2018.09.025..
- Cudmore, R.M., Cuevas, C.A., & Sabina, C. (2015). The impact of polyvictimization on delinquency adolescents: A general strain theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(17), 2647-2667. doi: 10.1177/0886260515593544.
- Cuevas, C.A., Finkelhor, D., Turner, H.A., & Ormrod, R.K. (2007). Juvenile Delinquency and victimization. *Journal of Interpersonal Violence*. 22(12), 1581-1602. doi: 10.1177/0886260507306498.
- Decety, J., & Yoder, K.J. (2015). Empathy and motivation for justice: Cognitive empathy and concern, but not emotional empathy, predict sensitivity to injustice for others. *Social Neuroscience*, 1-14. doi: 10.1080/17470919.2015.1029593.
- Di Fabio, A., & Palazzeshi, L. (2015). Hedonic and eudaimonic well-being: The role of resilience beyond fluid intelligence and personality traits. *Frontiers in Psychology*, 6, 1-7. doi: 10.3389/fpsyg.2015.01367.
- Dierkhising, C.B., Ford, J.D., Branson, C., Grasso, D.J., & Lee, R. (2018). Developmental timing of polyvictimization: Continuity, change, and association with adverse outcomes in adolescence. *Child Abuse & Neglect*, 1-8. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.07.022.
- Direção-Geral de Reinserção Social (DGRSP). Justiça juvenil. Retirado de: <https://dgrsp.justica.gov.pt/>.

- English, D. J., Widom, C. S., & Branford, C. (2002). *Childhood victimization and delinquency, adult criminality, and violent criminal behavior: A replication and extension*. Final report presented to the National Institute of Justice.
- Ernestus, S.M., & Prelow, H.M. (2015). Patterns of risk and resilience in african American and latino youth. *Journal of Community Psychology, 43*(8), 954-972. doi: 10.1002/jcop.21725.
- Espejo-Siles, R., Zych, I., Farrington, D.P., & Llorent, V.J. (2020). Moral disengagement, victimization, empathy, social and emotional competencies as predictors of violence in children and adolescents. *Children and Youth Services Review, 118*, 1-8. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2020.105337.
- Felgueiras, M.C., Festas, C., & Vieira, M. (2010). Adaptação e validação da resilience scale de wagnild e young para a cultura portuguesa. *Cadernos de Saúde, 3*(1), 73-80.
- Finkelhor, D. (2011). Prevalence of child, victimization, abuse, crime, and violence exposure. *Violence against women and children: mapping the terrain, 1*, 9-29.
- Finkelhor, D., Hamby, S.L, Ormrod, R., & Turner, H. (2005). The juvenile victimization questionnaire: Reliability, validity, and national norms. *Child Abuse & Neglect, 29*(4), 383-412. doi: 10.1016/j.chiabu.2004.11.001.
- Finkelhor, D., Ormrod, R.K., & Turner, H.A. (2007). Poly-victimization: a neglected component in child victimization. *Child Abuse & Neglect, 31*, 7-26. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.008.
- Ford, J.D., & Delker, B.C. (2018). Polyvictimization in childhood and its adverse impacts across the lifespan: Introduction to the special issue. *Journal of Trauma & Dissociation, 19*(3), 275-288. doi: 10.1080/15299732.2018.1440479.
- Glowacz, F., & Buzitu, R. (2014). Adolescents victimes d'abus sexuel et trajectoire délinquante: quels facteurs de résilience? *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence, 62*, 349-357. doi: 10.1016/j.neurenf.2014.07.004.
- Gonçalves, M. J. (2003). Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência. *Análise psicológica, 1*(21), 23-30.
- Hillis, S., Mercy, J., Amobi, A., & Kress, H. (2016). Global prevalence of past-year violence against children: a systematic review and minimum estimates. *Pediatrics, 137*(3), 1-13. doi: 10.1542/peds.2015-4079.

- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior, 9*, 441-476. doi.org/10.1016/j.avb.2003.03.001.
- Kerig, P. (2018). Polyvictimization and girls' involvement in the juvenile justice system: Investigating gender-differentiated patterns of risk, recidivism, and resilience. *Journal of Interpersonal Violence, 33*(5), 789-808. doi: 10.1177/0886260517744843
- Kirchner, T., Magallón-Neri, E., Forns, M., Munoz, D., Segura, A., Soler, L., Planellas, I. (2017). Facing interpersonal violence: Identifying the coping profile of poly-victimized resilient adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, 1*-24. doi: 10.1177/0886260517700617.
- Liu, L., & Miller, S.L. (2019). Protective factors against juvenile delinquency: exploring gender with a nationally representative sample of youth. *Social Science Research, 1*-12. doi: 10.1016/j.ssresearch.2019.102376.
- Loeber, R., Kalb, L. & Huizinga, D. (2001). Juvenile delinquency and serious injury victimization. *Juvenile Justice Bulletin, 1*-7.
- Mansouri, Z., Mousavi-Nasab, H., & Lori, L.S. (2015). A study of the mediating role of resilience in personality characteristics and attitudes toward delinquency. *Journal of Fundamentals of Mental Health, 17*(2), 103-110.
- Martins, M.H.V., & Neto, V.C. (2016). Resiliência and self-concept of competence in institutionalized and non-institutionalized young people. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia, 30*(2), 61-76. doi: 10.17575/rpsicol.v30i2.1122.
- Mitchell, K.J., Moschella, E.A., Hamby, S., & Banyard, V. (2019). Developmental stage of onset, poly-victimization, and persistence of childhood victimization: Impact on adult well-being in a rural community-based study. *Child Maltreatment, 20*(5), 1-12. doi: 10.1177/1077559519859080.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review, 100*(4). 674-701.
- Morris, S. (2019). *Empathy on trial: A response to its critics*. *Philosophical Psychology, 1*-25. doi: 10.1080/09515089.2019.1587911.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na prediação da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica, 28*(2), 245-254.

- Newsome, J., Vaske, J.C., Gehring, K.S., & Boisvert, D.L. (2015). Sex differences in sources of resilience and vulnerability to risk for delinquency. *Journal of Youth and Adolescence*, 1-16. doi: 10.1007/s10964-015-0381-2.
- Oberth, C., Zheng, Y., & McMahon, R.J. (2017). Violence exposure subtypes differentially mediate the relation between callous-unemotional traits and adolescent delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 1-11. doi: 10.1007/s10802-017-0267-8.
- Pereda, N., Abad, J., & Guilera, G. (2015). Victimization and polyvictimization of Spanish youth involved in juvenile justice. *Journal of Interpersonal Violence*. 1-29. doi: 10.1177/0886260515597440.
- Piggott, T., Harrington, D., Mann, R., Hamilton, H. A., Donnelly, P. D., & Manson, H. (2018). Youth violence victims and perpetrators in Ontario: Identifying a high-risk group and a focus for public health prevention. *Canadian Journal of Public Health*, 109(2), 195–203. doi:10.17269/s41997-018-0061-6.
- Pinheiro, D.P.N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9, 67-75.
- Rajabi, F., & Salmanpour, S. (2019). Comparison of resiliency, optimism and social self-efficacy in delinquent and normal adolescents. *Social and Management Research Journal*, 16(2), 107-118. doi: 10.24191/smrj.v16i2.7066.
- Rutter, M. (2006). The promotion of resilience in the face of adversity. *Families Count: Effects on Child and Adolescent Development*, 2, 26-50.
- Sapienza, G. & Pedromônico, M., R., M. (2005). Risk, protection and resilience in the development of children and adolescents. *Psicologia em Estudos*, 2, 209-216. doi: 10.1590/S1413-73722005000200007.
- Schoeler, T., Duncan, L., Cecil, C.M., Ploubidis, G.B. & Pingault, J.B. (2018). Quasi-Experimental Evidence on Short and Long-Term Consequences of Bullying Victimization: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin*, 144(12), 1229-1246. doi: 10.1037/bul0000171.
- Segura, A., Pereda, N., Guilera, G., & Abad, J. (2016). Poly-victimization and psychopathology among Spanish adolescents in residential care. *Child Abuse & Neglect*, 55, 40-51. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.03.009.
- Sistema de Segurança Interna. Relatório Anual de Segurança Interna (2018). Retirado de <https://www.otsh.mai.gov.pt/wp-content/uploads/RASI-2018.pdf>.

- Soucisse, M.M., Maisonneuve, M., & Normand, S. (2015). Friendship problems in children with ADHD: What do we know and what can we do? *Perspectives on Language and Literacy*, 29-34.
- Stephanie H.M., & van Goozen (2015). The role of early emotion impairments in the development of persistent antisocial behavior. *Child Development Perspective*, 9(4), 206-210.
- Suárez-Soto, E., Perede, N., & Guilera, G. (2019). Poly-victimization, resilience and suicidality among adolescents in child and youth-serving systems. *Children and Youth Services Review*, 106, 1-8. doi: 10.1016/j.chilyouth.2019.104500.
- Veiga, F., & Santos, E. (2013). Uma escala de avaliação da empatia: Adaptação portuguesa do questionnaire to assess affective and cognitive empathy, 1172-1180.
- Vinayak, S. & Judge, J. (2018). Resilience and empathy as predictors of psychological wellbeing among adolescents. *International Journal of Health Sciences and Research*, 8(4), 192-200.
- Voisin, D.R., Kim, D.H., Bassett, S.M., & Marotta, P.L. (2018). Pathways linking family stress to youth delinquency and substance use: Exploring the mediating roles of self-efficacy and future orientation. *Journal of Health Psychology*, 1-13. doi: 10.1177/1359105318763992.
- Waaktaar, T., & Torgersen, S. (2012). Genetic and environmental causes of variation in trait resilience in young people. *Behavior Genetics*, 42, 366-377. doi: 10.1007/s10519-011-9519-5.
- Wagnild, G. M., Young, H. (1993). Development and psychometric evaluation of the resilience scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178.
- Walters, G.D. (2019). The sibling effect for delinquency: Mediation by proactive criminal thinking and moderation by age. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 1-24. doi: 10.1177/0306624X19872963.
- Weissberg, R. P., Durlak, J. A., Domitrovich, C. E., & Gullotta, T. P. (2015). Social and emotional learning: Past, present, and future. *Handbook of social and emotional learning: Research and practice*, 3-19.
- Widom C.S., & Maxfield, M.G. (2001). An update on the “cycle of violence”. *National Institute of Justice*, 1-8.
- Zhao, H., Li, X., Zhou, J., Nie, Q., & Zhou, J. (2020). The relationship between bullying victimization and online game addiction among Chinese early adolescents: The

- potential role of meaning in life and gender differences. *Children and Youth Services Review*, *116*, 1-10. doi: 10.1016/j.childyouth.2020.105261.
- Zoll, C., & Enz, S. (2010). A questionnaire to assess affective and cognitive empathy in children. Retirado de: https://fis.uni-bamberg.de/bitstream/uniba/218/1/Dokument_1.pdf.
- Zonneveld, L. V., Platje, E, Sonnevile, L., van Goozen, S., & Swaab, H. (2017). Affective empathy, cognitive empathy and social attention in children at high risk of criminal behavior. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *58*(8), 913-921. doi: 10.1111/jcpp.12724.

Conclusão/ Discussão

Este estudo analisou a relação entre a vitimação, empatia e resiliência numa amostra de jovens delinquentes. Pretendeu-se também analisar se existem diferenças relativamente à faixa etária, ao sexo e à vitimação e polivitimação no que diz respeito à resiliência e à empatia.

Uma vez que a amostra do estudo se refere a jovens delinquentes privados da liberdade, é importante perceber quais os fatores de risco associados à delinquência.

Segundo Anjaswarni et al. (2019), os jovens delinquentes têm maior probabilidade de apresentar baixos níveis de *coping*, carências a nível individual, falta de suporte familiar e escolar, a influência do grupo de pares é bastante acentuada e apresentam uma fraca capacidade de se adaptar às mudanças.

Relativamente ao facto de existir uma ligação entre a delinquência juvenil e a vitimação, onde jovens vítimas tendem a enveredar mais facilmente pelo caminho da delinquência (Piggott et al., 2018) e o facto de existir um elevado número de vítimas e polivítimas, estudar as consequências que as adversidades têm na vida do jovem, também é algo importante. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2016), a violência perpetrada a crianças inclui muito mais do que danos físicos e as suas consequências vão muito além da morte ou das lesões causadas, sendo que, estas crianças podem vir a sofrer de danos psicológicos, comportamentos de risco, défice educacional e ocupacional e um elevado desenvolvimento no mundo do crime. A maior parte da violência envolve a violência juvenil, a violência infligida por parceiros íntimos (praticada por pessoas que têm ou tiveram um relacionamento íntimo), a violência sexual (atos sexuais não consentidos), a violência emocional/psicológica e testemunhar violência (restrição de movimento de uma criança, incluindo ameaças, rejeição e outras formas não físicas de hostilidade, no que diz respeito ao testemunhar a violência, considera-se o facto de se forçar uma criança a observar os atos de violência, ou se a criança os observa acidentalmente), os maus-tratos físicos (sexuais, psicológicos/emocionais e negligência) (Esposti et al., 2020), e o *bullying* (Schoeler et al., 2018).

As crianças vítimas de consecutivos eventos traumáticos, tendem a apresentar lacunas ao nível da sua saúde física e do seu bem-estar (Shonkoff et al., 2009), depressão, baixa autoestima, saúde mental (Álvarez-Lister et al., 2014), ideias suicidas (Le et al., 2016) e ansiedade (Pereda et al., 2015). Uma vez que a prevalência de experiências adversas de vida, leva a que exista uma maior probabilidade de a criança cometer delitos

(Evans & Burton, 2013) e a sua ligação com a justiça estar estabelecida na literatura, a sua reabilitação e reincidência estão muito além do esperado (Vitopoulos et al., 2018).

Uma vez que, com os resultados desta investigação se percebe o trabalho realizado nas instituições em que os jovens estão privados da liberdade, destacando a importância da prevenção da vitimação nas crianças no seio familiar e, por conseguinte, trabalhar com o indivíduo na vertente familiar e na comunidade, uma prevenção precoce é uma mais valia para os jovens e para o sistema de justiça (Cohen, et al., 2010), existindo a necessidade de implementar programas nas instituições em prol da redução da reincidência, visando a mudança do comportamento delinvente, atendendo às necessidades dos jovens. Estes programas devem começar pela abordagem holística, em que o foco será perceber o bem-estar do jovem e de como este reage às ameaças, priorizando sempre a segurança, suporte, a autorregulação e o desenvolvimento de ferramentas no combate da impulsividade, no autocontrolo (Griffin et al., 2012), nas estratégias de *coping*, regulação emocional e eficácia interpessoal relacionada com os maus-tratos recebidos, na regulação da raiva, da excitação, da desconfiança pode influenciar fortemente os comportamentos. Estas intervenções devem ser focadas no trauma (Vitopoulos et al., 2018) e o modelo mais eficaz e que alcança, por isso, maior redução da reincidência é o cognitivo-comportamental (Griffin et al., 2012), existindo muita grande eficácia quando usado (Cohen et al., 2010).

Importa salientar que cada criança/jovem reúne características próprias, nunca colocando em causa o respeito pela sua individualidade, os vínculos afetivos, sociais e familiares na promoção dos seus direitos. De referir também a importância dos profissionais que lidam em primeira linha com estas crianças/jovens, devendo sempre respeitar os seus limites, os seus recursos técnicos e pessoais para que consigam executar o seu trabalho de forma segura e competente (APAV, 2011).

Referências

- Álvarez-Lister, M.S., Pereda, N., Abad, J., & Guilera, G. (2014). Polyvictimization and its relationship to symptoms of psychopathology in a southern European sample of adolescents outpatients. *Child Abuse & Neglect*, 38(4). doi: 10.1016/j.chiabu.2013.09.005.
- Anjaswarni, T., Widati, S., & Yusuf, A. (2019). Analysis of the risk factors related to the occurrence of juvenile delinquency behavior. *Jurnal Ners*, 14(2), 129-136. doi: 10.20473/jn.v14i2.12465.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual Crianças e Jovens Vítimas de Violência: Compreender, Intervir e Prevenir*, 1-298.
- Cohen, J.A., Berliner, L., & Mannarino, A. (2010). Trauma focused CBT for children with co-occurring trauma and behavior problems. *Child Abuse & Neglect*, 34(4), 215-224. doi: 10.1016/j.chiabu.2009.12.003.
- Esposti, M.D., Pereira, S.M.P., Humphreys, D.K., Sale, R.D., & Bowes, L. (2020). Child maltreatment and the risk of antisocial behaviour: A population-based cohort study spanning 50 years. *Child Abuse & Neglect*, 99, 1-13. doi: 10.1016/j.chiabu.2019.104281.
- Evans, C., & Burton, D. (2013). Five types of child maltreatment and subsequent delinquency: Physical neglect as the most significant predictor. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 6(4), 231-245. doi: 10.1080/19361521.2013.837567.
- Griffin, G., Germain, E.J., & Wilkerson, R.G. (2012). Using a trauma-informed approach in juvenile justice institutions. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 5(3), 271-283. doi: 10.1080/19361521.2012.697100.
- Le, M.T.H., Holton, S., Nguyen, H.T., Wolfe, R., & Fisher, J. (2016). Poly-victimisation and health risk behaviours, symptoms of mental health problems and suicidal thoughts and plans among adolescents in Vietnam. *International Journal of Mental Health systems*, 10(1), 1-12. doi: 10.1186/s13033-016-0099-x.
- Organização Mundial de Saúde (2016). *Inspire: Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças*.
- Pereda, N., Abad, J., & Guilera, G. (2015). Victimization and polyvictimization of spanish youth involved in juvenile justice. *Journal of Interpersonal Violence*. 1-29. doi: 10.1177/0886260515597440.

- Piggott, T., Harrington, D., Mann, R., Hamilton, H. A., Donnelly, P. D., & Manson, H. (2018). Youth violence victims and perpetrators in Ontario: Identifying a high-risk group and a focus for public health prevention. *Canadian Journal of Public Health, 109*(2), 195–203. doi:10.17269/s41997-018-0061-6.
- Schoeler, T., Duncan, L., Cecil, C.M., Ploubidis, G.B. & Pingault, J.B. (2018). Quasi-Experimental Evidence on Short and Long-Term Consequences of Bullying Victimization: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin, 144*(12), 1229-1246. doi: 10.1037/bul0000171.
- Shonkoff, J.P., Boyce W.T.B., & McEwen, B.S. (2009). Neuroscience, molecular biology, and the childhood roots of health disparities: Building a new framework for health promotion and disease prevention. *American Medical Association, 301*(21), 2-8. doi: 10.1001/jama.2009.754.
- Vitopoulos, N.A., Peterson-Badali, M., Brown, S., & Skilling, T.A. (2018). The relationship between trauma, recidivism, risk, and reoffending in male and female juvenile offenders. *Journal of Child & Adolescent Trauma, 1-14*. doi: 10.1007/s40653-018-0238-4.

Anexos

Anexo A- Características sociodemográficas da amostra

Tabela 1.
Características sociodemográficas da amostra (n=41)

Variáveis	Níveis	n	%
Sexo	Masculino	23	54.8
	Feminino	18	42.9
Idade	14	4	9.5
	15	4	9.5
	16	11	26.2
	17	16	38.1
	18	5	11.9
	19	1	2.4
Nacionalidade	Portuguesa	33	78.6
	Dupla nacionalidade	1	2.4
	Outra	7	16.7
Repetente	Sim	21	50
	Não	18	42.9
Ano que frequenta	6	5	11.9
	7	3	7.1
	8	3	7.1
	9	25	59.5
	10	3	7.1
	12	2	4.8
Com que vive	mãe	14	33.3
	Madrasta/padrasto	2	4.8
	Mãe e pai	5	11.9
	Mãe, pai e irmão(s)	9	21.4
	Mãe/pai e irmão(s)	6	14.3
	Mãe e padrasto	1	2.4
	Pai e madrasta	2	4.8
Estado civil dos pais	Mãe, padrasto e irmão(s)	1	2.4
	Solteiro(a)	15	35.7
	Casado(a) ou em união de facto	10	23.8
	Separado(a) ou divorciado(a)	15	35.7
Onde vive	Casa	27	64.3
	Numa instituição	14	33.3
Vítimização	Vítima	13	30.9
	Não vítima		11.9
Polivítimização	Polivítima	23	54.8
	Não polivítima		42.9
Satisfação com o suporte familiar	Discordo totalmente	1	2.4
	Concordo na maior parte	5	11.9
	Concordo totalmente	35	83.3
Satisfação com o suporte dos amigos	Discordo totalmente	1	2.4
	Discordo na maior parte	5	11.9
	Não concordo nem discordo	6	14.3
	Concordo na maior parte	4	9.5
	Concordo totalmente	25	59.5

Nota. n = Número de Participantes; % = Percentagem de Participantes

Anexo B- Análise descritiva de todas as escalas, subescalas e suporte familiar e dos amigos

Tabela 2*Análise descritiva de todas as escalas, subescalas e suporte familiar e dos amigos (n = 41)*

	n	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
JVQ-Total	41	0	16	4.95	4.04
Módulo A- Crime convencional	41	0	.63	.12	.17
Módulo B- Maltrato infantil	41	0	1	.13	.22
Módulo C- Vitimação perpetrada por amigos e irmãos	41	0	.50	.10	.15
Módulo D- Vitimação sexual	41	0	.29	.10	.09
Módulo E- Testemunho de vitimação direta e indireta	41	0	.78	.24	.22
Resiliência-Total	41	79	169	133.49	23.17
Resiliência-Perseverança	41	24	47	35.39	6.13
Resiliência-Autoconfiança	41	13	28	21.98	4.35
Resiliência-Serenidade	41	15	42	32.07	7.16
Resiliência- Sentido de Vida	41	13	75	28.44	9.62
Resiliência- Autossuficiência	41	3	14	10.17	2,66
Empatia-Total	41	67	98	83.90	9.89
Empatia-Dimensão afetiva	41	26	50	43.66	5.75
Empatia- Dimensão cognitiva	41	30	50	40.24	5.82
Suporte familiar	41	1	5	4.78	.69
Suporte amigos	41	1	5	4.15	1.22

Anexo C- Correlações de Pearson entre os vários tipos de maus tratos

Tabela 3
Correlações de Pearson entre os vários tipos de maus tratos (n = 41)

	1	2	3	4	5	6
1- Módulo A- Crime convencional	-	.43**	.44**	.25	.35*	.75**
2- Módulo B-Maltrato infantil		-	.42**	.24	.27	.63**
3- Módulo C- Vitimação perpetrada por amigos e irmãos			-	.17	.21	.60**
4- Módulo D-Vitimação sexual				-	.44**	.54**
5- Módulo E- Testemunha direta e indireta de vitimação					-	.79**
6- JVQ-Total						-

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$

Anexo D- Correlações de *Pearson* entre os vários tipos de maus tratos e a resiliência

Tabela 4*Correlações de Pearson entre os vários tipos de maus tratos e a escala de resiliência (n = 41)*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. Módulo A- Crime convencional	-	.43*	.44*	.25	.35*	.75*	.01	.03	.20	.12	-.14	-.05	.27
2. Módulo B- Maltrato infantil		-	.42*	.24	.27	.63*	-.25	-.15	-.16	-.24	-.18	-.06	
3. Módulo C- Vitimação perpetrada por amigos e irmãos			-	.17	.21	.60*	-.28	-.14	-.26	-.43*	-.02	-.23	
4. Módulo D- Vitimação sexual				-	.44*	.54*	.23	.22	.10	.28	.05	.25	.22
5. Módulo E- Testemunho direta e indireto de vitimação					-	.79*	.08	.07	.01	.09	.04	.07	.13
6. JVQ-Total						-	-.04	-.03	.03	.03	-.17	.01	.12
7. Resiliência- Total							-	.1*	.80*	.73*	.83*	.68*	.59*
8. Resiliência_ Média								-	.80*	.73*	.83*	.68*	.60*
9. Resiliência_ Perseverança									-	.67*	.64*	.32*	.43*
10. Resiliência_ Autoconfiança										-	.66*	.21	.46*
11. Resiliência_ Serenidade											-	.30	.50*
12. Resiliência_ Sen- tido de vida												-	.21
13. Resiliência_ Autosuficiência													-

Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$